

REDOBRO DE CLÍTICOS NO PB

FÁBIO BONFIM DUARTE / POSLIN-UFGM
fbonfim@terra.com.br

www.lettras.ufmg.br/fbonfim
CAROLINA RIBEIRO DINIZ / POSLIN-UFGM
carolrib@terra.com.br

0. INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa o redobro de clíticos no PB e busca compará-lo com o espanhol. Este fenômeno ocorre quando um clítico pronominal átono co-aparece com outro elemento (um XP) que é, em geral, o argumento interno de um verbo temático (=lexical), conforme podemos notar pelo exemplo arrolado em (1).

(1) Eu *te_i* amo *você_i*.
 ↑ |

O dado em (1) é um muito curioso, visto que o verbo amar parece estar atribuindo o Caso acusativo duas vezes: ao argumento interno você e ao clítico te. Com base em dados como esse, um dos objetivos desta pesquisa tem sido encontrar uma resposta unificada para as indagações formuladas a seguir:

- (2a) como se dá a atribuição de Caso estrutural (acusativo e dativo) em estruturas com redobro de clítico?
- (2b) qual seria o importe semântico que um DP deve apresentar para haver o engatilhamento do redobro?
- (2c) seria o redobro de clíticos o reflexo da maneira como o PB atual realiza os traços-phi no domínio funcional de sentenças transitivas?

O artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos os dados relevantes sobre o redobro de clíticos no PB; na seção 2, traçamos um paralelo entre as características do redobro no PB e no espanhol; na seção 3, apresentamos os traços semânticos que um DP deve dispor para poder ser

redobrado por um clítico pronominal. Na seção 4, desenvolvemos a hipótese de nossa pesquisa, a saber: clíticos pronominais, em construções com redobro, são, ao final das contas, o resultado de uma operação AGREE que permite a cópia dos traços-phi do D/NP_{acc} no núcleo v^o, em sentenças transitivas. Por fim, arrolamos as considerações finais.

1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O redobro de clíticos é freqüente na fala espontânea de falantes do dialeto mineiro, conforme revelam os dados¹ a seguir:

COM VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

- (3) Cê ia ajudar um camarada desse e se os camarada voltar e *te_i* matar *você_i*; também? [Corpus oral de BH, Minas Gerais (Ramos, 2003)]
- (4) Você *me_i* deixô *eu_i* um pouquinho preocupada. [Corpus de BH-MG (Ramos, 2003)]
- (5) Eu *te_i* esperei *você_i* um tempão. [Fala espontânea]
- (6) O João *me_i* viu *eu_i*. [Fala espontânea]
- (7) Eu vou *te_i* levar *você_i* lá no carro. [Fala espontânea]
- (8) Foi essa doida que *me_i* pôs *eu_i* aqui. [Fala espontânea]
- (9) Igual outro dia que *me_i* mandaram *eu_i* pra reunião. [Fala espontânea]

COM VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

- (10) Eu num vou *te_i* falar *com você_i*; que se você vier... [Corpus Oral de Itaúna-MG (Oliveira, 2005)]
- (11) Ah é eu era menina não tinha meio de ninguém *me_i* tratá *de mim_i*; né [Corpus oral de Ouro Preto, Minas Gerais (Ramos, 2003)]
- (12) E ele foi e brigou comigo e *me_i* deu três voadora *ni mim_i*. [Corpus oral de Ouro Preto, Minas Gerais (Ramos, 2003)]
- (13) Porque o moço tinha *me_i* falado *comigo_i* [Corpus oral de Ouro Preto, Minas Gerais (Ramos, 2003)]
- (14) O funcionário... ah... ele *me_i* perguntou *pra mim_i*; se eu trouxe os documentos. [Fala espontânea]

¹ Os dados foram retirados do Corpus de Fala Belo Horizontina e do Corpus de Fala Ouro Pretana organizados pela professora Jânia Ramos e do Corpus Oral de Itaúna-MG, coletado por Alan Jardel de Oliveira em 2005. Adicionalmente, ajudaram ainda a formar o *corpus* desta pesquisa registros à oitiva, decorrentes de uma observação assistemática, de frases de conversas informais que apresentavam ocorrência do fenômeno.

- (15) Essa caneta, *me_i* empresta *pra mim_i*? [Fala espontânea]
(16) Por que vocês não *me_i* dão esse bebê *pra mim_i*? [Fala espontânea]

Notem que os dados acima sugerem que o redobro no dialeto mineiro ocorre especialmente quando o objeto (direto ou indireto) se refere à primeira e à segunda pessoa do singular. Um fato digno de nota é que, nesses contextos, o DP objeto redobrado não pode vir realizado pelos clíticos acusativos, conforme sugere a agramaticalidade dos dados abaixo:

- (17) Eu vou *te_i* levar **te_i* lá no carro.
(18) O João *me_i* viu **me_i*.

Outro detalhe importante é que, apesar do estigma de certos dialetos sobre a forma **eu** em posição de objeto, verifica-se sua ocorrência inclusive entre falantes com bom nível de escolaridade.

A coleta dos dados realizada até o momento evidencia a não-ocorrência do clítico pronominal de terceira pessoa **o/a/lhe** em construções de redobro. Vejam que este fato contrasta com o levantamento de Castilho (2005), uma vez que, no português medieval, a ocorrência dos clíticos de terceira pessoa era bastante produtiva, conforme se pode ver pelos dados a seguir.

- (19) E pois se ende ela partio, cresceu-*lhi a ele* mais a vertude do corpo e começou a braadar com grande lediça e dizer [...] [XIV DSG 175:7]
(20) Hũ avarento cuyda que tem dinheiro, e o dinheyro tem-*no a elle*. (HEITOR PINTO)
(21) [...] e entom aguilharom mais de X a Paramades e matarom-lhe o cavalo e chagarom-*no a el* de muitas chagas. [XII SG 325:8]

Diferentemente dos dados de (19) a (21), a ocorrência do redobro com pronomes clíticos de terceira pessoa, no PB contemporâneo, parece não ser mais produtiva, conforme podemos notar pela estranheza das frases a seguir:

- (22) ?? Eu *o_i* vi *ele_i*.
 (23) ?? Dei-*lhe_i* o presente *a ele_i*.
 (24) ?? Enviaram-*lhes_i* as cartas *a elas_i*.
 (25) ?? João (*?lhes_i*) viu *vocês_i*.
 (26) ?? João *os_i* conheceu *eles_i*.

Portanto, o que se nota é que o redobro no PB, via dialeto mineiro, ocorre essencialmente, quando o DP_{objeto} (quer direto ou indireto) é um pronome com os traços [+EGO, +TU]. Essa propriedade distingue profundamente o PB atual do português dos períodos medieval e clássico. Conforme vêm apontando os estudos diacrônicos, o português clássico permitia redobro de clíticos acusativos e dativos mais livremente. Para tanto, observem os dados abaixo, retirados de Gibrail (2003), em que se observa o clítico redobrando os traços-phi de pronomes pessoais, de pronomes de tratamento de segunda pessoa, de sintagmas nominais e do pronome indefinido *todos*.

- (27) ...que também *nos* sacrificou *a nós*... (M. DE ALORNA; SÉC. XVIII; p.166)
 (28) ..*me* fazia *a mim* uma visita o senhor estupor, meu amo... (A. COSTA; SÉC.XVII; p.111)
 (29) ...e *lhe* traga *a Vossa Excelência* muito cedo as ordens (A. VIEIRA; CARTAS; SÉC. XVII; p.240)
 (30) Mas se o intento de Christo era acautelarnos *aos católicos*. (A. VIEIRA; SERMÕES; SÉC.XVII; p.89)
 (31) ...e tomandoos *a todos* , que eraõ dezassete, lhos trouxeraõ atados (F. MENDES PINTO; SEC. XVI, p.22)

Em síntese, o levantamento dos dados aponta as seguintes peculiaridades do redobro no PB:

- (i) permite a reduplicação de um DP_{acusativo} (e em alguns casos de DP_{dativo}) não antecedido por preposição;
- (ii) ocorre somente com um DP_{objeto} que carregue os traços-phi [+EGO], [+TU].

Estas características são uma consequência direta das novas maneiras por meio das quais o PB vem realizando os traços phi no momento atual, a saber:

- (i) ocorrência de pronomes átonos do Caso acusativo, na posição de objeto, para a primeira e segunda pessoas do singular apenas e "a ausência de clíticos para todas as outras pessoas" (Gomes, 2003, p. 87 e 89);
- (ii) predomínio do lexema *a gente* em lugar de *nós* entre adultos e crianças tanto na função de complemento como na de sujeito (Omena, 2003, p. 63);
- (iii) reinterpretação do pronome *te*, passando a referir-se à segunda pessoa indireta, gramaticalizada sob a forma *você* (Galves, 2001, p.155);
- (iv) reanálise do pronome *lhe* como pronome de tratamento correspondente a *você* (Galves, 2001, p. 139);
- (v) cliticização dos pronomes fortes ou redução na forma de alguns pronomes como eu>ô, você(s)>ocê(s)>cê(s), ele>el, ei, eles>es, eis (cf. Ciríaco, Vitral e Reis, 2004; Corrêa, 1998; Vitral 1996, 2001, 2002).
- (vi) possibilidade de alternância de dativo (cf. Gomes, 2003) que acionaria o uso de formas pronominais homófonas para nominativo, acusativo e dativo.

Para que pudéssemos compreender a razão por que o redobro de clíticos, que era bastante amplo nas épocas medieval e clássica, encontra-se atualmente tão restringido, consideraremos as mudanças referentes ao paradigma pronominal no PB como fator condicionante de sua produção. Isto seria mais uma evidência a favor da hipótese de que nosso objeto de estudo não é um fenômeno isolado, mas se enquadra numa rede de mudanças mais amplas que o PB atual exhibe.

Na seção seguinte, buscamos comparar a realização do redobro no PB e no espanhol.

2. O REDOBRO DE CLÍTICOS NO ESPANHOL: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS COM O PORTUGUÊS

O redobro de pronomes clíticos na língua espanhola é amplamente produtivo. Em todos os seus dialetos², observa-se o licenciamento de orações com objetos pronominais (diretos e indiretos) redobrados, obrigatoriamente precedidos pela preposição **a**.

(32) *Lo_i vi a él_i.*

(33) *Le_i entregaron el libro a ella_i.*

Em nenhum desses dialetos são encontradas frases como as que vêm a seguir, visto que a preposição não foi inserida antes do DP_{pronominal} redobrado:

(34) *Juan *me* vio *yo*.

(35) *Juan *te* vio *tú*.

A agramaticalidade de (34) e (35) se deve, portanto, à ausência de uma preposição antes do DP_{pronominal} redobrado e à presença de um pronome tônico nominativo em posição de objeto. Esta ocorrência sintática é permitida pela gramática do PB e estabelece um nítido contraste entre as duas línguas. Por exemplo, é possível encontrar, no PB, redobro de um objeto_{pronominal} sem que ele venha antecedido por uma preposição funcional, conforme ilustram as situações sintáticas arroladas a seguir:

(36) Você *me_i* deixô *eu_i* um pouquinho preocupada.

[Corpus de BH-MG (Ramos, 2003)]

(37) E se os camarada voltar e *te_i* matar *você_i* também? [Corpus de BH-MG (Ramos, 2003)]

² Para este estudo estamos considerando os dialetos peninsular (Espanha), rio-platense (Argentina e Uruguai) e portenho (Buenos Aires).

Segundo Jaeggli (1986, p. 165), o espanhol rio-platense apresenta o redobro de objeto direto pelo clítico acusativo somente se este DP for [+ANIMADO, +ESPECÍFICO]³. Ao contrário do que ocorre neste dialeto, no PB não encontramos exemplos de redobro com objetos não pronominais. Além de exigir animacidade e especificidade de um DP, no dialeto do Rio da Prata, o objeto direto deve vir obrigatoriamente precedido pela preposição funcional **a**. Consoante Jaeggli (1986), a presença da preposição **a** é o que torna o redobro possível. Desse modo, para que ocorra o redobro de pronomes clíticos neste dialeto, é necessária a presença de uma preposição⁴, conforme se nota pelo exemplo seguinte:

(38) a. *Lo_i vi a Juan_i* (Jaeggli, 1986, p. 164)

O redobro no PB (via dialeto mineiro) difere profundamente do redobro no espanhol rio-platense, uma vez que, neste último, uma preposição funcional é sempre acionada. Tal diferença pode ser particularmente notada pelo contraste a seguir:

(39) a. Eu vou *te_i* levar __ *você_i* lá no carro.
b. *Eu vou *te_i* levar **a** *você_i* lá no carro.

(40) a. *Lo_i vi a Juan_i*.
b. **Lo_i vi __ Juan_i*.

O redobro de dativos, por sua vez, ocorre irrestritamente em todos os dialetos do espanhol como nas frases abaixo:

(41) *Le_i entregaron el libro a ella_i*.
(42) *Le_i regalé la mochila a Juan_i*.

³ Diferentemente do dialeto rio-platense, o espanhol portenho permite também redobro de um DP [-ANIMADO] precedido ou não por uma preposição (cf. Suñer, 1988).

⁴ Segundo Jaeggli (1986, p. 164), "Es el doblado de clíticos el que depende crucialmente de la presencia de la preposición".

É possível redobrar tanto objetos indiretos pronominais quanto não pronominais e estes devem vir sempre antecidos por uma preposição. O PB, por sua vez, apresenta uma importante diferença em relação ao espanhol e, possivelmente, em relação a outras línguas românicas, uma vez que permite o licenciamento do redobro de um DP_{objeto indireto} sem que uma preposição funcional seja acionada. É o que se observa, nos contextos de alternância de dativo, conforme a seguir:

- (43) falei na frente da mãe dele... eu *te_i* dou *você_i* duas oportunidade... duas sugestão... [Corpus Oral de Itaúna-MG (Oliveira, 2005)]
(44) Ele me falou assim: oh primo, vem cá que eu vou *te_i* mostrar *o_i* um negócio. [Corpus oral de Ouro Preto, Minas Gerais (Ramos, 2003)]
(45) mas você faz pra mim... que eu *te_i* dou *você_i* tanto. [Corpus Oral de Itaúna-MG (Oliveira, 2005)]

Em síntese, ao compararmos os dados do PB com os dados do espanhol, vemos que o PB não permite que a preposição anteceda o DP_{objeto direto} e, em certos ambientes sintáticos como a alternância dativa, que o dativo venha sem a preposição, como evidenciam os dados de (43) a (45). Além disso, em espanhol, redobram-se todos os objetos pronominais, enquanto, no PB, apenas os pronomes de primeira e segunda pessoas do singular são redobrados.

3. SOBRE O IMPORTE SEMÂNTICO DO DP REDOBRADO

Durante nossa pesquisa, temos observado que a ocorrência do redobro por meio de pronomes clíticos átonos impõe pesadas restrições quanto ao importe semântico que o DP a ser redobrado precisar carregar. Neste sentido, o que os dados do PB apontam é que, possivelmente, o redobro será licenciado se o DP_{ACC/DAT} exibir um feixe de traços semânticos, como o fato de o DP ser

[+DEFINIDO], [+ESPECÍFICO] e [+REFERENCIAL]. Contudo, notamos que o redobro no PB apresenta ocorrência mais restrita se comparada com outras línguas. Em períodos anteriores, as construções com redobro no português eram bastante similares às do espanhol, do romeno e do grego e, com o passar do tempo, limitaram-se apenas à primeira e à segunda pessoa do singular.

Quanto ao espanhol, consideraremos que, em construções com redobro acusativo, o objeto deve obrigatoriamente contar com o importe semântico [[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]]⁵. Já no romeno, observa-se a possibilidade de ocorrência do redobro de clíticos em presença de objetos pronominais, nomes próprios e objetos [+ESPECÍFICOS] e [+ANIMADOS] (cf. Dobrovie-Sorin, 1987, p. 14). Observem que estes últimos (exemplos (48) e (49)) apresentam a ocorrência do artigo definido *ul*, posposto ao DP:

(46) *L_i-am văzut **pe el_i**.* (Dobrovie-Sorin, 1987, *apud* Gibrail, 2003, p. 15)

Vi-o_i a ele_i.

“Vi-o.”

(47) *L_i-am văzut **pe Ion_i**.* (Dobrovie-Sorin, 1987, *apud* Gibrail, 2003, p. 14)

Vi-o_i a Jean_i.

“Vi o Jean.”

(48) *L_i-am vizitat **pe bunicul nostru_i**.* (Daniliuc, L. e Daniliuc, R., 2000, *apud* Mayer, 2003, p. 39)

*O_i visitamos a **nosso avô_i**.*

“Visitamos nosso avô.”

(49) *L_i-am intilnit **pe vărul tău_i**.* (Dobrovie-Sorin, 1987, *apud* Gibrail, 2003, p.14)

*Encontrei-o_i a **teu primo_i**.*

“Encontrei teu primo.”

⁵ Em espanhol, construções de redobro com objeto indireto parecem ocorrer irrestritamente. Nestes contextos, o traço necessariamente proeminente que o objeto deve apresentar é o [+REFERENCIAL], havendo a possibilidade de não ocorrência dos traços [+ESPECÍFICO] e/ou [+DEFINIDO]. (ver Suñer, 1988).

Os exemplos anteriores nos mostram que, também em romeno, o DP para ser redobrado deve ser [[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]].

Segundo Alexiadou (2006, p. 3), no grego, somente um DP definido familiar pode ser redobrado. Na sentença abaixo, O DP redobrado envolve referência a uma entidade definida em um contexto particular:

(50) *tin_i* ida *ti gata_i*
her saw1sg the cat
“Eu vi o gato.”

O redobro no grego permite que o DP redobrado seja animado ou inanimado, mas deve vir precedido por um artigo definido. Este DP definido deve ser proeminente no discurso e indicar conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte sobre a presença do referente no discurso (cf. Anagnostopoulou, 1999, p. 762, 768, 771).

(51) *Proseche!* *tha* *chtipisis* *ton pezo!*
Watch-out! FUT hit-2SG the pedestrian
Watch-out! You will hit (with the car) the pedestrian!
“Cuidado! Você vai atropelar o pedestre!”

(52) *Proseche!* *tha* *ton_i* *chtipisis* *ton pezo_i!*
Watch-out! FUT *him_i* hit-2SG *the pedestrian_i*
Watch-out! You will hit-him (with the car) the pedestrian!
Cuidado! Você vai atropelá-*lo_i* o *pedestre_i!*
“Cuidado! Você vai atropelar o pedestre!”

A frase (51) é apropriada quando o ouvinte não está consciente da presença do pedestre na rua. Contudo, a frase (52) será proferida numa situação em que há um conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte sobre a presença do referente no discurso. Em suma, estruturas com redobro no grego indicam saliência perceptual e poderiam ser rotuladas como “marcadores de

proeminência”, visto que o clítico está redobrando um DP proeminente no discurso (cf. Anagnostopoulou, 1999, p. 771). Desta maneira, temos que em grego o DP redobrado também deve ser [[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]].

A partir dessas considerações e dos dados apresentados, proporemos o quadro seguinte no intuito de captar quais os traços que o DP redobrado pode apresentar em PB, em espanhol, em romeno e em grego.

TABELA 1

TRAÇOS DO DP REDOBRADO

	PB	Espanhol	Romeno	Grego
Acusa- tivo	[+EGO, +TU]	[+/- ANIMADO]	[+ANIMADO]	[+PROEMINENTE]
	[+ANIMADO]	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+/- ANIMADO]
	[+DEFINIDO]	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+DEFINIDO]
	[+ESPECÍFICO]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+ESPECÍFICO]
	[+REFERENCIAL]			[+REFERENCIAL]
Dativo	[+EGO, +TU]	[+/- ANIMADO]	[+ANIMADO]	[+PROEMINENTE]
	[+ANIMADO]	[+/-DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+/- ANIMADO]
	[+DEFINIDO]	[+/-ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+DEFINIDO]
	[+ESPECÍFICO]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+ESPECÍFICO]
	[+REFERENCIAL]			[+REFERENCIAL]

Em síntese, o fato curioso que a tabela 1 aponta é que o traço [+REFERENCIAL] está sempre presente no DP_{ACC/DAT} redobrado nas quatro línguas, situação que denota que esta propriedade semântica reflete que o NP, interno ao DP, precisa sempre projetar um nível funcional, não podendo ser, portanto, um NP_{nu}.

3.2. SOBRE CASO ESTRUTURAL E A INSERÇÃO DE TRAÇOS-PHI

Nesta seção, assumiremos que os clíticos nas construções de redobro de $DPs_{ACC / DAT}$ no PB podem ser interpretados apenas como cópias de traços-phi dos D/NPs objetos no núcleo v^0 das orações transitivas⁶. Notem que a novidade nessa teoria é que os clíticos serão, então, interpretados como o resultado de uma operação fonológica que copia os traços formais do DP objeto em núcleos funcionais, sem que toda a matriz fonológica do argumento verbal precise se mover até a posição de Spec de vP ⁷.

Acompanhando a proposta de Bobaljik (2006, p. 1), consideraremos que a cópia de traços-phi se dá no componente pós-sintático. Portanto, a inserção tardia dos clíticos se dará no nível PF (phonological form). A este pressuposto acarreta-se a hipótese de que clíticos nas estruturas de redobro não participam do mecanismo de valoração de Caso. Nesta linha de análise, estes clíticos não necessitam de ter o traço de Caso valorado, pois não são argumentos verbais e sua presença na estrutura não se deve exatamente a um fenômeno sintático, como valoração de traço de Caso, mas antes está conectada a uma operação do componente fonológico. Uma evidência a favor dessa intuição relaciona-se ao fato de a valoração do traço de Caso ocorrer entre o verbo e o DP argumento interno.

⁶ Essa idéia está em consonância com o que postula Daniel Everett (1996), segundo o qual “pronominal clitics, argument affixes and pronouns are epiphenomena, produced by insertion of phi features into different syntactic position”.

⁷ Alexiadou e Anagnostopoulou (2001, p. 193) propõem uma abordagem na qual clíticos sejam tratados como movimentos de traços. Conforme esta intuição, clíticos são “feature movement [...]. On this view clitic-doubling languages are languages permitting feature movement without pied-piping [...]. In clitic-doubling constructions, clitics are formal features of DPs that move overtly without phrasal pied-piping.”

Para dar conta das construções com redobro de clíticos acusativos em PB, adotaremos a análise que leve em conta a idéia de que a derivação se dá por meio de fases (cf. Chomsky, 2005). Segundo esta proposta, todo o processo de valoração de traços de Caso do DP objeto_{ACC} e a inserção do clítico pós Spell-Out devem ocorrer já na primeira fase forte, ou seja, no nível v-VP. Por esta razão, proporemos que a derivação da sentença (1) “Eu *te*_i amo *você*_i”, repetida a seguir como (53a), dá-se por meio das seguintes etapas: inicialmente, a derivação da sentença começa com a seleção de dois itens do léxico, o verbo **amar** e o pronome **você**. Quando este verbo se junta ao seu complemento, aqui representado pelo D/NP *você*, temos o primeiro Merge. Nesta etapa, o sistema computacional dará um valor de Caso para o núcleo v⁰, o qual, para a fase v-VP, é o acusativo. Assim sendo, depois que o núcleo v⁰ se junta a seu complemento, i.e. o VP, por Merge, este núcleo estabelece uma operação AGREE com o objeto direto, valorando-lhe, então, o traço de Caso acusativo. Neste ponto teríamos a estrutura “amo você” com o traço de Caso acusativo já valorado. Esta estrutura será, então, enviada a Spell-Out e daí a PF. O clítico só será inserido em próclise ao verbo, após o envio do v-VP a Spell-Out. Em obediência ao que estipula o PIC⁸, o objeto sintático formado (i.e., o VP mais interno) não estará mais sujeito a novas operações, mas apenas o núcleo “amo” e seu Spec “eu” poderão passar para a próxima fase para que possam valorar traços formais ainda não valorados, como os traços-phi do núcleo T⁰ e traço de Caso (nominativo) do DP sujeito. A

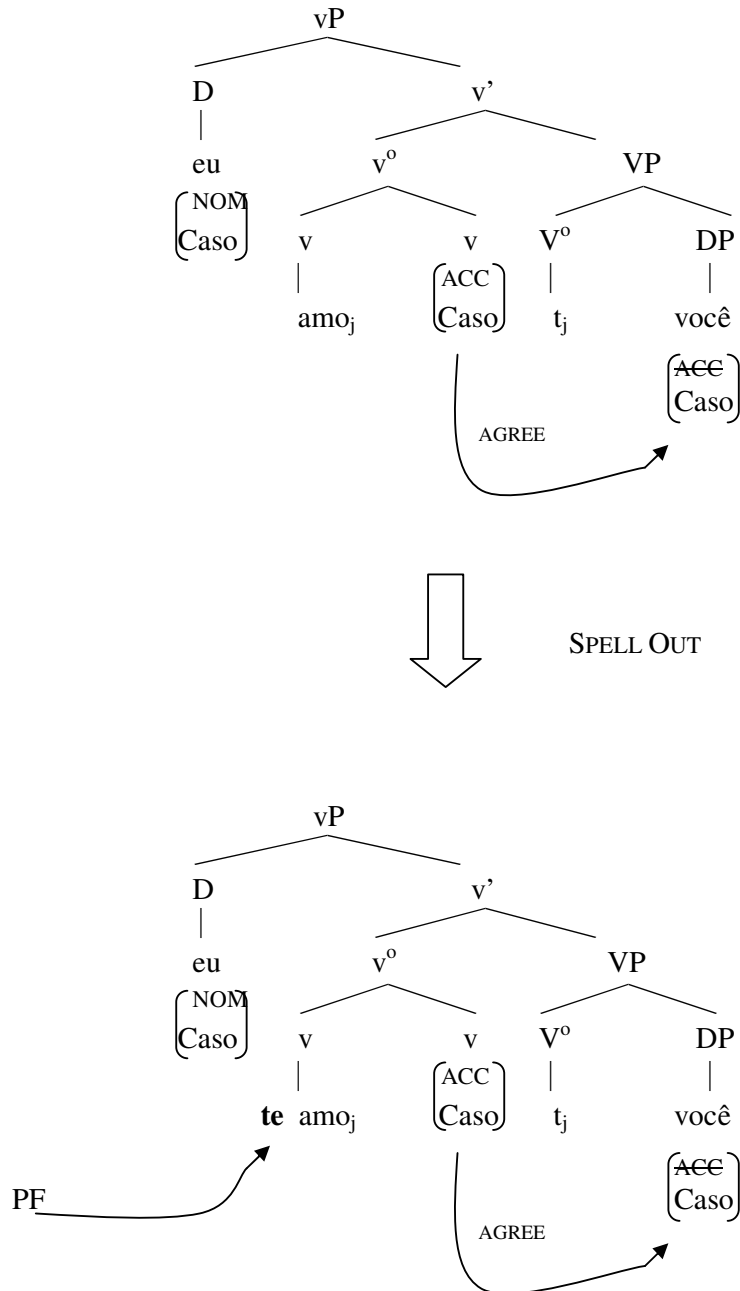
⁸ Condição de Impenetrabilidade de Fase [Phase Impenetrability Condition (PIC)]. Tal condição é apresentada em Svenonius (2000, p.3) (adaptada de Chomsky 1998, 1999) da seguinte maneira: “Phase Impenetrability Condition: In [_{ZP} Z...[_{HP} α [H YP]]], HP a strong phase, ZP the next higher strong phase: The domain of H (here, YP) is not accessible to operations at ZP, but only H and its edge.”

operação que insere o clítico **te** pode ser mais visualizada pelo diagrama arbóreo

em (53b).

(53a) Eu *te*_i amo *você*_i.

(53b)



Com respeito à presença de preposições em construções com redobro acusativo, consideramos que a preposição não participa do mecanismo de valoração do traço de Caso acusativo, já que ocorre em algumas línguas e em outras não. Desse modo, assumimos que estas preposições seriam marcadores semânticos do objeto. No espanhol e no romeno, por exemplo, a preposição seria um elemento funcional que codificaria o importe [+ANIMADO] e/ou [+ESPECÍFICO] ao DP na função sintática de objeto direto.

Em suma, o que difere a nossa proposta de análises anteriores é que, examinando o redobro de clíticos sob o modelo de fases, estamos considerando os clíticos como instanciações de traços-phi do DP_{ACC} no núcleo verbal, sem que necessariamente estes traços estejam envolvidos no mecanismo de valoração de Caso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, o redobro de clíticos no PB ocorre unicamente com objetos pronominais de primeira e segunda pessoa e não exige a presença de uma preposição funcional. A forma como o redobro se realiza no PB está intimamente relacionada com as mudanças no sistema pronominal que esta língua vem sofrendo.

Apesar do tratamento formal que estamos dando ao redobro de pronomes clíticos, notou-se que é necessário focar aspectos semânticos para compreendermos este tipo de construção. Conforme nos mostram os dados de nossa pesquisa, o que parece certo é que o DP redobrado deve apresentar o feixe de traços [[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]]. Além disso, entretivemos a idéia de os clíticos serem interpretados como instanciações de traços-phi no domínio funcional da estrutura v-VP e não participarem das operações de valoração de Caso. Em suma, acreditamos que a proposta teórica que estamos implementando neste texto representa uma maneira mais simples de ver o fenômeno do redobro, visto que elimina questões relativas a Caso e papel temático que tanto incomodaram os estudiosos anteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXIADOU, A. On the cross-linguistic distribution of (in)definiteness spreading. ÖLT Syntax Workshop 8.-9.12.06, Universität Klagenfurt, (2006).
- _____; ANAGNOSTOPOULOU, E. The subject-in-situ generalization and the role of case in driving computations. *Linguistic Inquiry*, v.32, n.2, spring 2001.
- _____; ANAGNOSTOPOULOU, E. Parametrizing Agr: Word order, V-movement and EPP checking. *Natural Language & Linguistic Theory*, 16, 1998, p. 491-539.
- ANAGNOSTOPOULOU, E. Conditions on Clitic Doubling in Greek. In H. van Riemsdijk (Ed.) *Clitics in the Languages of Europe. Language Typology Volume III*, Berlin: 762-798, Mouton de Gruyter (1999).
- ANAGNOSTOPOULOU, E. On Double Alternations and Clitics. University of Maryland (ms), (1999).
- BOBALJIK, J. D.. Where's Φ . Agreement as a post-syntactic operation. In Marjo van Koppen, Pepijn Hendriks, Frank Landsbergen, Mika Poss & Jenneke van der Wal (eds.), Special Issue of *Leiden Papers in Linguistics* 3.2 (2006), p.1-23.
- CASTILHO, Célia Maria Moraes de. O processo de redobramento sintático no português medieval: formação das perífrases com *estar*. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- _____. Primeiras histórias sobre a diacronia do dequeísmo: o clítico locativo *en* e o dequeísmo das orações relativas no PM, (2004). Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/dequeismo_salvador.pdf. Acessado em 20 Jun. 2006
- CHOMSKY, Noam. “Derivation by Phase” in Kenstowicz, Michael (ed.) *Ken Hale. A Life in Language*, Cambridge, Mass.: MIT Press, (1999), pp 1-52.
- _____. *On Phases* MA, Cambridge, MIT, (2005).
- CIRÍACO, L; VITRAL, L; REIS, C. Intensidade e duração de formas reduzidas no Português brasileiro, *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.12, n.2, p.145-157, jul./ dez. 2004.
- CORRÊA, L.T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolingüística*. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- DANILIUC, L. e DANILIUC, R.. *Descriptive Romanian Grammar*. München: LINCOM EUROPA *apud* MAYER, Elisabeth. *Clitic doubling in Limeño: A Case Study in LFG*. Dissertação (Mestrado). Australian National University. Agosto, 2003.

- DUARTE, F. B. *Caso, Função sintática e Papéis Temáticos*. Muriaé: Faculdade Santa Marcelina, In: Revista Duc In altum, p. 67-78, 2006b.
- _____. *Derivando estruturas com clítico de posse em Português*. Belo Horizonte: UFMG, (2005), ms.
- _____; RAMOS, J. *Ordem de constituintes, conteúdo de traços-phi e mudança gramatical no PB*, Belo Horizonte: UFMG, ms, 2006b.
- DOBROVIE-SORIN, Carmen Syntaxe du Roumain: chaines thematiques. Th. De Doctorat d'Etat, (1987).
- EVERETT, D. *Why there are no clitics. An alternative perspective on pronominal allomorphy*. A publication of The Summer Institute of Linguistics and The University of Texas at Arlington, 1996.
- FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. Los pronombres átonos en la teoría gramatical. Repaso y balance. In: SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madrid: Tauros Ediciones, 1993. p.13-56.
- GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001. p.125-179.
- GIBRAIL, A. V. B. O acusativo preposicionado no Português Clássico: uma abordagem diacrônica e teórica. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- GOMES, Christina Abreu. Variação e mudança na expressão do dativo no Português Brasileiro. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003
- JAEGGLI, Osvaldo. Tres cuestiones en el estudio de los clíticos: el caso, los sintagmas nominales reduplicados y las extracciones, 1986.
- KAYNE, R. Romance clitics, verb movement, and PRO. In: *Linguistic Inquiry*. vol. 22, n°4. USA: Massachusetts Institute of Technology, 1991.
- OLIVEIRA, Alan Jardel. Corpus oral de Itaúna, MG, (2005).
- OMENA, Nelize Pires. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- PESETSKY, David; TORREGO, Esther. T-to-C movement: causes and consequences In: Michael Kenstowicz, ed., *Ken Hale: a life in language*, 355-426. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.
- RAMOS, Jânia M. Corpus oral de Belo Horizonte, MG e de Ouro Preto, MG, (2003).
- SUÑER, Margarita El papel de la concordancia en las construcciones de reduplicación de clíticos. (1988).

VITRAL, L. A forma Cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.1, n.4, p.115-124, jan./jun.1996.

_____. Sintaxe formal e gramaticalização: roteiro de uma pesquisa. *In: NICOLAU, E.(org): Estudos sobre a estrutura gramatical da linguagem*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2001.

_____. A interpolação de Se e suas conseqüências para a teoria da cliticização. *Revista da Abralín*, v.1, n.2, p.161-197, dez. 2002.